PAULO BRANCO APRESENTA
FESTIVAL DE CANNES
2026 OFFICIAL SELECTION
CANNES PREMIERE
AQUÍ
UM FILME DE TIAGO GUEDES
ADAPTADO DA "TRILOGIA DE JESUS" DE
J.M. COETZEE
COM A ESTREIA DE
ÁLEX PELÁEZ
E DE
HUGO ENCUENTRA
COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE
ÁNGELA MOLINA
E DE
FERNANDO TRUEBA
MANOLO SOLO
PATRICIA LÓPEZ ARNAIZ
DANIEL ELÍAS
LAMBERT WILSON
SERGI LÓPEZ

SINOPSE

Num lugar onde todos recomeçam sem passado, Simón assume a responsabilidade por David, uma criança que conhece na travessia até essa nova vida. Movido por uma convicção inexplicável, procura a mãe do rapaz e reconhece em Inés a mulher certa. Ela aceita, e entre os três forma-se um núcleo afectivo invulgar, onde a ideia de família se reinventa a cada gesto. Mas, enquanto a sociedade impõe regras e a diferença é vista como ameaça, David não se deixa moldar e afirma-se como o seu oposto: imaginação e liberdade, tornando a parentalidade uma travessia incerta, uma busca sem respostas, onde amar é também aceitar não compreender.

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Portugal, França, 2026
Duração: 204'
Cor
Idioma: Espanhol
Género: Drama

NOTA DE INTENÇÕES DO REALIZADOR

Adaptar a trilogia de J.M. Coetzee não foi um exercício literário, mas um confronto físico com a minha própria "orfandade matricial". Como leitor, a desolação das suas personagens sempre ressoou em mim; como realizador e pai, as suas questões existenciais tornaram-se urgentes. O que fazemos ao que é novo e singular? O que resta de nós quando somos despidos de passado? AQUÍ nasce da necessidade de filmar esse vazio: a constatação de que, no fundo, estamos todos sós.

A geografia do esquecimento

Interessou-me materializar o "não-lugar" de Coetzee, um mundo burocratizado e ameno, sem sal, onde a vontade individual foi abolida em nome de uma paz estéril. Filmei este estado de exílio como uma amnésia histórica pós-moderna. Simón e Inés tentam ancorar David num mundo sem modelos, mas é a criança quem, através da figura quixotesca, reivindica o poder da inconsistência e do mito. Onde o sistema vê regras, David vê gigantes. A sua pergunta *"¿Por qué estoy aquí?"* não é uma dúvida geográfica, é o motor poético e trágico do filme.

A resistência da diferença

David é um inovador, uma figura crística que recusa a moldura que lhe impomos. O filme foca-se na violência silenciosa da educação: a nossa incapacidade de aceitar o que foge à norma. Para traduzir esta incomunicabilidade, procurei uma gramática visual que privilegiasse o silêncio e a distância entre os corpos. Em AQUÍ, a parentalidade é uma travessia cega por mundos imaginários que os adultos já não sabem habitar. Amar torna-se, então, o acto radical de aceitar o mistério do outro.

Ao fim de tudo, AQUÍ não pretende oferecer respostas nem consolo. É um filme que se coloca ao lado do mistério, reconhecendo que a única forma de honrar a liberdade de um filho, ou de um filme já agora, é aceitar a nossa incapacidade de compreender tudo. Filmei-o para insistir na existência de "outros mundos", consciente que mesmo não os podendo explicar, tento que não sejam esquecidos.

Tiago Guedes

ENTREVISTA COM TIAGO GUEDES

Como encaraste o desafio de adaptar num só filme a Trilogia de Jesus, de J. M. Coetzee?

Encarei-o com a consciência de que a Trilogia de Jesus não é uma narrativa convencional, mas um território filosófico. A adaptação não podia ser uma simples transposição; tinha de ser uma interpretação cinematográfica que preservasse o enigma, a ambiguidade e a estranheza que Coetzee constrói. Reunir três livros com esta densidade num só filme obrigou-nos a procurar o núcleo emocional e existencial que atravessa a obra. Em vez de tentarmos reproduzir toda a arquitectura narrativa, concentrámos-nos no que consideramos o movimento essencial: a relação entre Simón e David, a busca de sentido num mundo que não oferece respostas claras, a ideia de inocência em confronto com sistemas que tentam moldá-la. O maior desafio foi encontrar um equilíbrio entre fidelidade e liberdade. Quisemos ser fiéis ao espírito (à quietude, à ternura, ao questionamento ético) mas o cinema pede outras soluções, outro ritmo, outra materialidade. Ao reduzir, reorganizar e condensar, procuramos não simplificar o mistério da obra, mas trazê-lo para a linguagem do cinema. No fundo, a adaptação é uma leitura pessoal, assumida. Coetzee deixa sempre espaço para interpretação; tentámos ocupar esse espaço sem o pisar o resto.

De há uns anos para cá, Coetzee considera a tradução em castelhano dos seus livros como a sua versão original. Daí também a opção pelo espanhol como a língua do filme?

Sim, essa posição de Coetzee teve peso na decisão. Quando ele assume a versão castelhana como a original, está a indicar um deslocamento deliberado, quase um gesto estético: retirar a obra do inglês e colocá-la num espaço linguístico que ele sente mais adequado ao universo da trilogia. Para mim, isso tornou o espanhol a língua natural do filme. Não se tratava apenas de respeito pelo autor, mas de acompanhar esse movimento de estranheza que ele propõe. O espanhol dá à história uma certa neutralidade geográfica, uma sensação de lugar "deslocado", que está muito alinhada com o tom dos livros. Portanto, sim, a escolha da língua é também uma continuação dessa lógica: seguir a obra para onde o próprio Coetzee a levou.

Trabalhas com um elenco internacional, na sua maioria grandes actores espanhóis. Como foi a escolha deste elenco, a começar pela descoberta destes extraordinários dois muito jovens actores para interpretarem a personagem de David?

O filme precisava de intérpretes capazes de habitar a estranheza deste mundo sem a sublinhar. O universo do Coetzee pede contenção, ambiguidades, gestos pequenos que carregam tensão. Isso levou-me naturalmente a um conjunto de grandes actores espanhóis (e não só), muito habituados a trabalhar nesse registo de complexidade emocional sem excessos. Quanto ao David, foi provavelmente a parte mais delicada do processo. A personagem tem uma mistura rara de pureza, obstinação e inteligência inquietante. Não podia ser um prodígio treinado para "representar"; precisava de um miúdo que trouxesse algo indomável, uma forma própria de olhar o mundo. Ao fazer o casting dos nossos "Davides" percebi cedo que seriam estes, que iria escolher o Álex Peláez e o Hugo Encuentra. O que me impressionou neles foi a capacidade de estar, de ouvir, de reagir de forma orgânica, sem artifícios. E a força dos seus olhares em silêncio. Não procurava uma réplica fiel da personagem literária, mas alguém que pudesse encarnar aquele mistério. E, com eles, senti que isso era possível.

David é uma criança cheia de curiosidade, que faz muitas perguntas, que procura saber quem é, porque estará ali. Que não gosta de imposições e quer afirmar a sua liberdade individual. Simon é muito paciente, vai tentando explicar-lhe as coisas, às vezes como se ele próprio estivesse também a aprendê-las, outras, mais raras, impacienta-se. Poderemos dizer que no filme reflecte também sobre as dificuldades de comunicação entre adultos e crianças, entre pais e filhos?

Sem dúvida. Como pai, também foi isso que me atraiu na obra. A relação entre Simón e David é, no fundo, um laboratório das dificuldades de comunicação entre adultos e crianças e, mais amplamente, entre modos diferentes de habitar o mundo. David carrega uma curiosidade quase radical, uma recusa instintiva da norma, uma vontade de afirmar a própria identidade mesmo antes de saber exatamente o que ela é. Simón, por sua vez, tenta acompanhá-lo com paciência, mas também com as limitações de quem não tem respostas e, muitas vezes, está tão perdido quanto ele. O que me interessava era essa fricção entre duas lógicas: a lógica aberta, indomesticável, da criança, e a lógica racional, socializada, do

adulto. Há ternura e há conflito. Há momentos em que comunicam perfeitamente e outros em que parecem habitar realidades diferentes. Não quis transformar o filme num discurso sobre parentalidade, mas a verdade é que a relação deles espelha algo muito universal: a dificuldade de escutar verdadeiramente o outro, sobretudo quando o outro nos obriga a questionar aquilo que tomamos por garantido.

David traz com ele um livrinho, uma edição ilustrada para jovens do *Don Quixote*, de Cervantes, um romance fundador na narrativa moderna, que estabelece uma nova maneira de contar histórias e os limites entre realidade e ficção são vagos. Qual é a sua importância no filme?

O *Dom Quixote* funciona para mim como uma chave silenciosa dentro do filme. Não é um símbolo rígido, nem um comentário literário explícito. É um objecto que abre camadas. Por um lado, há uma afinidade natural entre o universo de Coetzee e o de Cervantes: ambos lidam com essa fronteira instável entre realidade e ficção, entre aquilo que é vivido e aquilo que é imaginado. E David move-se nesse espaço híbrido. Ele lê o mundo como quem o inventa, e inventa-o como quem o lê. O livro acompanha essa postura, como se fosse um pequeno

espelho da sua forma de estar. Por outro lado, o *Dom Quixote* é também um marcador de deslocamento. Uma criança num mundo estranho, agarrada a um clássico basilar da literatura ocidental, numa edição juvenil ilustrada, carrega uma ternura e uma ironia que me interessavam. É um livro que fala de alguém que recusa aceitar a realidade tal como ela é apresentada. E David, à sua maneira, faz o mesmo. No filme, o livrinho não explica nada. Acompanha. Sugere. Contamina. Está ali como um eco de uma das perguntas centrais da obra: como é que cada um de nós constrói sentido num mundo que pode ser profundamente opaco?

Há na escrita de Coetzee uma sobriedade e economia que passaste para o filme. Como foi a "materialização deste universo" ?

Uma das coisas que mais aprecio na escrita de Coetzee, principalmente nos seus diálogos, é a sua capacidade invulgar em dizer muito com pouco. Existe uma espécie de "poda" de tudo aquilo que é excedente e o que sobra e fica é apenas a essência, a alma, o osso. O que tentei, em conjunto com toda a equipa, foi tentar preservar isso. E para tal procurámos um

mundo que fosse um "não lugar" e que não lembrasse nenhuma geografia específica. Não existe uma época identificável – no mundo de AQUÍ não há passado, nem há memória. Para o construir fizemos uma "colagem" de vários locais distante uns dos outros mas que pareciam fazer parte de um mesmo universo.

Para além disso, este universo existe principalmente através das personagens que o habitam. E os seus mundos interiores. Ao escolher filmar muitos planos aproximados sem grandes movimentos de câmara, estamos a tentar "escutar" esses mundos interiores, e de uma certa forma projectamos os nossos próprios mundos interiores nos deles. É essa a razão pela qual na montagem se decidiu ficar muito com David, e o seu olhar. Ele vê o mundo de uma forma especial, apesar de o mundo ser o mesmo. Tal como Cervantes com Quixote, há uma forma de ver o mesmo mundo de maneira diferente. E as crianças transportam isso nelas. Nós, adultos e a sociedade em geral, é que acabamos por condicionar a sua singularidade e as tentamos uniformizar.

E qual a importância de Dança no filme (e nos livros)?

Na minha interpretação a dança está conectada à questão da linguagem. Não é por acaso que a Ana Magdalena diz a certa altura no filme *"As palavras são débeis. Por isso dançamos."* – claramente, ao traduzirmos tudo para palavras, há toda uma dimensão que se perde. A dança surge neste mundo como algo que nos une ao inexplicável, uma linguagem especial que nos conecta com algo que não compreendemos na sua totalidade mas que sentimos. Simón representa o ponto de vista de alguém que não entende essa dimensão, porque não a vê nem a consegue traduzir para palavras. Há uma cena onde a "tia Mercedes" lhe diz : *"Si David explicara su danza, no podría seguir bailando. Esa es la paradoja en que estamos atrapados los bailarines."* – que é como quem diz que não podemos entender tudo. Existe uma espécie de aceitação. E as crianças no seu estado mais puro vivem muito bem com isso.

TIAGO GUEDES

Realizador, argumentista, encenador.

Tiago Guedes tem vindo a afirmar-se, filme a filme, como um dos cineastas mais importantes do cinema português nas últimas duas décadas, tendo os seus filmes sido seleccionados para os festivais de cinema mais importantes, entre eles Cannes, Veneza, Roterdão, San Sebastián e Toronto, e chegado a audiências que raros cineastas portugueses conquistaram.
Dirigiu vários projectos para cinema, teatro e televisão, tendo conquistado prémios em todas essas áreas.

Do seu trabalho como realizador destacam-se *Coisa Ruim* (2005), a sua primeira longa-metragem, co-realizada com Frederico Serra (Selecção Oficial nos festivais de Sitges, Busan e Turim, entre muitos outros festivais internacionais); a longa-metragem *Entre os Dedos* (2008), também co-realizada com Frederico Serra (Competição Oficial do Festival de San Sebastián, na secção "Zabaltegi-Tabakalera", bem como na Selecção Oficial do Festival de Cartagena das Índias, onde conquistou o Prémio de Melhor Filme de Arte e o Prémio de Melhor Actor; integrou a Selecção

Tiago Guedes

Oficial do Festival de Turim, tendo ganho o Prémio Ciputti de Melhor Filme; marcou ainda presença em vários festivais).

A Herdade (2019), um dos seus grandes sucessos, que esteve em Competição no festival de Veneza e na selecção oficial do TIFF, foi seleccionado para mais de três dezenas de festivais espalhados pelo mundo, entre eles Göteborg, Dublin, Cairo ou o International Film Festival of India, e recebeu vários prémios. Foi o candidato português ao Óscar de Melhor Filme Internacional e na sua exibição no canal ARTE teve um milhão e seiscentos mil espectadores, tendo estado várias semanas no topo dos mais vistos. Foi amplamente aclamado pela crítica e pelo público.

Em 2021 realiza a primeira série portuguesa original para a Netflix, *Glória*, um thriller de espionagem internacional em plena Guerra Fria, passado em Portugal nos anos 60.

Restos do Vento (2022) teve a sua estreia mundial no festival de Cannes, na Seleção Oficial – Special Screenings. Venceu o Prémio Calpurnia – Melhor Filme no festival de Ourense e o Prémio Marcello Petrozziello no Lucca Film Festival, em Itália, entre outros festivais. No ano seguinte, Guedes surpreende com uma obra rara e arriscada, *Diálogos depois do Fim*, no qual adapta *Diálogos com Leucò*, do escritor italiano Cesare Pavese, que foi estreado como filme no festival de Roterdão, e do qual também fez uma série de 19 episódios para a televisão.

Aquí, a adaptação da "Trilogia de Jesus" do Prémio Nobel da Literatura J.M. Coetzee, tem estreia mundial no festival de Cannes 2026.

O teatro é outra das áreas que marca o percurso profissional de Tiago Guedes, tendo encenado peças de Dennis Kelly, Henrik Ibsen, Peter Handke, David Harrower e Martin McDonagh, entre outros.

FILMOGRAFIA

- Aquí, 2026
- Diálogos depois do Fim, 2023
- Restos do Vento, 2022
- Glória, 2021 (série TV, streaming)
- A Herdade, 2019
- Tristeza e Alegria na Vida das Girafas, 2019
- Coro dos Amantes (curta), 2014
- Odisseia, 2013 (série TV)
- Entre os Dedos, 2008
- Coisa Ruim, 2005
- Acordar (curta), 2001
- Alta Fidelidade, 2000 (TV)
- O Ralo (curta), 1999

ELENCO E EQUIPA

Manolo Solo - Simón
Patricia López Arnaiz - Inés
Álex Peláez - David 1
Hugo Encuentra - David 2
Daniel Elías - Dimitri
Lambert Wilson - Álvaro
Sergi López - Daga
Camille Decourtye - Ana Magdalena

Com a participação especial de
Ángela Molina - Mercedes
Itsaso Arana - Ana
Fernando Trueba - Dr. Ribeiro
Albano Jerónimo - Diego

Realizado por **Tiago Guedes**
Argumento por **Tiago Guedes, Luís Araújo**
Baseado na "Trilogia de Jesus" de **J.M. Coetzee**

Produtor: **Paulo Branco**
Produtora Executiva: **Ana Pinhão Moura**
Produtor Associado: **Carlos Bedran**

Direcção de Fotografia: **Daniela Cajías**
Direcção de Arte: **Meral Aktan**
Direcção de Som: **Jean-Paul Mugel**
Montagem de Imagem: **Jackie Bastide, Tiago Augusto**
Coreógrafos: **Sofia Dias, Vítor Roriz**

Uma produção **Leopardo Filmes** (Portugal)
Alfama Films (França)

Em co-produção com
RTP Rádio e Televisão de Portugal (Portugal)
APM (Portugal)

Produtoras associadas
Filmgalerie 451 (Alemanha)
CB Partners (França)
Belino Production (Espanha)
Los Ilusos (Espanha)

Com o apoio financeiro
ICA Instituto do Cinema e Audiovisual
PIC Portugal Fundo de Apoio ao Turismo e ao Cinema
RTP Rádio e Televisão de Portugal
Câmara Municipal de Lisboa
Lisboa Film Commission
Município do Porto
Filmaporto Film Commission
Câmara Municipal de Viana do Castelo

Com o apoio **Aide aux cinémas du monde – Centre national du cinéma et de l'image animée – Institut français**

Vendas internacionais **Films Boutique**

CONTACTOS NO FESTIVAL DE CANNES

Films Boutique
Vendas Internacionais
Marché du Film stand Riviera L3-2
contact@filmsboutique.com
www.filmsboutique.com

Leopardo Filmes & Alfama Films
Produtoras
mateo.alfamafilms@orange.fr
Tel. +351 918 783 526
www.alfamafilms.com
www.leopardofilmes.com

Imprensa
aquipresscannes@leopardofilmes.com